

UM GIRO GLOBAL DAS ATRAÇÕES IMPERDÍVEIS

A ILUSÃO DE UM VERÃO SEM FIM (“*The Illusion of an Everlasting Summer*”), de **Alessandra Sanguinetti (Argentina)**: Vencedor dos Horizontes Latinos de San Sebastián este poema parental registra a vida das primas Guillermina e Belinda ao longo de 25 anos na Pampa rural argentina. Filmada de 1999 a 2024, capta a transição da infância para a vida adulta, a maternidade e as marcas do tempo. O projeto nasceu em paralelo a fotolivros da diretora, revelando a evolução dos corpos e dos laços entre as protagonistas. A produção venceu o Leopardo de Ouro na seção Cineasti del Presente em Locarno.

LADY, de **Olive Nwosu (Nigéria)**: Taí uma jovem diretora que, entre as novas promessas dos veios audiovisuais das Áfricas, conseguiu acesso direto ao Festival de Sundance, com a força de sua estética. Olive conta aqui a saga de uma das poucas taxistas de Lagos, a independente Lady (Jessica Gabriel's Ujah), que economiza cada centavo para tentar construir uma vida longe do caos da cidade. Quando Pinky, amiga de infância que trabalha como profissional do sexo, reaparece em sua vida e lhe oferece emprego como motorista de um grupo de mulheres pelas noites da cidade, Lady aceita com relutância. O julgamento inicial que faz em relação ao grupo vai aos poucos dando lugar a uma sororidade intensa e afetuosa.

MAKING MARIE ANTOINETTE, de **Eleanor Coppola (EUA)**: É danada de grande a saudade que Sofia Coppola sente de sua mãe, a documentarista Eleanor (1936-2024), que, onze anos atrás, acompanhou a filha nas filmagens de seu épico pop sobre Maria Antonieta, em Versalhes, e registrou quase 80 horas de imagens. Retornado pelas duas durante a pandemia e concluído por Sofia após a morte da mãe, o material revela uma jovem cineasta lutando para construir uma visão ousada e pessoal. A atriz Diane Lane narra o longa com base nos diários de Eleanor.

DIYA - O PREÇO DO SANGUE (“*Diya*”), de **Achille Ronaimou (Chade)**: Ferdinand Mbaïssané vira a cabeça da gente do avesso com sua atuação neste misto de drama e thriller. Em N'Djamena, Dane trabalha como motorista de uma ONG humanitária e leva uma vida tranquila com Delphine, sua jovem esposa, grávida de oito meses. Um instante de distração ao volante termina no atropelamento de um menino. Após certa confusão no hospital, ele é informado de que a criança morreu. A família exige a diya — o “preço do sangue”, uma compensação pelo acidente. Para reunir o valor e proteger os seus, Dane parte rumo ao deserto. Ali, tudo é risco.

LAVANDERIA (“*Laundry*”), de **Zamo Mkhwanazi (África do Sul)**: Um es-



Rosebush Pruning

Redentora maratona



Making Marie Antoinette



Lady

tudo sobre paternidade num contexto de silenciamento. Tudo se passa em 1968, quando o dono de uma loja de lavagem de roupas, Enoch (o brilhante ator Siyabonga Shibe), é assolado pela brutalidade de racistas num país que fez o apartheid uma prática de controle. Fiel acólito de um servidor, ele é ludibriado pelas autoridades e acaba preso. Seu filho, jazzista de talento, paga o preço junto.

MARIE MADELEINE, UMA MULHER LIVRE (“*Mary Magdalene*”), de **Gessica Génés (Haiti)**: Hábil na escrita, na direção e na atuação, esta realizadora haitiana arrebatou Cannes, em maio, com este retrato da resiliência feminina. Na cidade de Jacmel, a garota de programa Marie Madeleine (Gessica) vive de forma totalmente livre e marginalizada pelas regras rígidas da sociedade. Quando seus caminhos se

cruzam com os de Joseph, um jovem e fervoroso crente evangélico, um laço profundamente intenso e improvável surge entre eles.

TENDER LOVING CARE, de **Mike Leigh (Reino Unido)**: Ganhador da Concha de Ouro de San Sebastián, no sábado passado, este drama acridoce virou a coqueluche da hora. Na (aparente) trilha de simplicidade de sua estética, calcada na fala, já testada em “Another Year” (2010), o octogenário artesão autoral inglês registra práticas quotidianas da empatia, mas desloca o seu olhar para uma realidade laboral particularmente ingrata. Amy (Kate O’Flynn) trabalha na proteção de idosos e menores; a amiga Rosie (Alice Bailey Johnson) também pertence aos serviços sociais. As duas atravessam diariamente vidas quebradas, ressentimentos, precariedade e situações em

que cuidar deixou de ser apenas uma virtude para se tornar profissão — uma profissão exercida num sistema público britânico corroído pela falta de apoio institucional. A produção rendeu o prêmio de Melhor Atuação protagonista a O’Flynn no evento espanhol, de onde saiu ainda com o prêmio de Melhor Roteiro.

ROSEBUSH PRUNING, de **Karim Aïnouz (Itália/Espanha/Reino Unido)**: O dinamo cearense de “Madame Satã” (2002) meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com este elegantíssimo tratado sobre perversões e rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Fez um “Dallas” cheio de tesão. Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor de “Motel Destino”